

Na quinta alta seguida, PIB cresce em ritmo menor e alcança 0,4%

Na quinta alta consecutiva, PIB cresce em ritmo menor

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

A economia do Brasil apresentou desaceleração no início da segunda metade do ano. O Produto Interno Bruto (PIB) avançou 0,4% no terceiro trimestre de 2022 ante o acumulado dos três meses anteriores.

Essa é a quinta taxa positiva seguida do indicador, mas o resultado é tímido após dois avanços na casa de 1% nos primeiros trimestres do ano. Os dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na manhã de ontem.

O PIB, que representa a soma dos bens e serviços produzidos no país, totalizou R\$ 2,544 trilhões em valores correntes no período.

Com esse resultado, o PIB chega ao maior patamar da série histórica, que começou em 1996, e fica 4,5% acima do registrado no quarto trimestre de 2019, no período pré-pandemia. O resultado do terceiro trimestre foi puxado pelos resultados dos setores de serviços (1,1%) e da indústria (0,8%). Já a agropecuária recuou 0,9%. Ante o terceiro trimestre de 2021, o PIB brasileiro cresceu 3,6%.

Serviços

No setor de serviços, que responde por cerca de 70% da economia do país, o grupo de informação e comunicação (3,6%) foi o principal destaque no terceiro trimestre, com alta nas atividades de desenvolvimento de software e internet. Em seguida, figuram atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (1,5%) e atividades imobiliárias (1,4%). O ramo de outras atividades de serviços, que representa cerca de 23% do total, avançou 1,4%. Essa área incluiu segmentos de alojamento e alimentação.

– As outras atividades de serviços já vêm se recuperando há algum tempo, com a retomada de serviços presenciais que tinham demanda represada durante a pandemia – explica a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

O comércio é o único segmento dos serviços que ficou no vermelho,

com variação de -0,1% no terceiro trimestre do ano.

– Esse é um cenário que já vínhamos observando na Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE. O resultado reflete a realocação do consumo das famílias dos bens para os serviços – destaca Rebeca.

Nas atividades industriais, um dos destaques é a construção, que anotou avanço de 1,1%.

– Essa atividade já vinha crescendo há quatro trimestres e segue aumentando, inclusive em ocupação. Outro destaque do setor é eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos, atividade que foi beneficiada pela redução da energia termoeleétrica – afirma a coordenadora da pesquisa.

Rebeca destaca que, na agropecuária, o recuo é explicado pela queda de produção em culturas que têm safra relevante nesse trimestre, caso da cana-de-açúcar e da mandioca.

Consumo

A despesa de consumo das famílias voltou a apresentar alta (1%), mas em ritmo abaixo do observado no segundo trimestre do ano (2,1%). Já o consumo do governo cresceu 1,3%.

O professor Marcos Léris, da Escola de Gestão e Negócios da Unisinos, afirma que a desaceleração no consumo das famílias ocorre diante de fatores como endividamento elevado, queda de renda e inflação.

– As famílias estão consumindo basicamente os itens essenciais. Cada vez sobra menos para sair do essencial. O espaço dentro do orçamento é cada vez menor para outros tipos de consumo – afirma o professor.

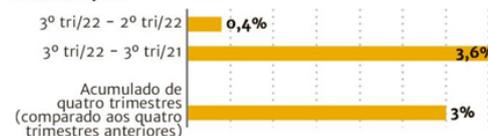
A formação bruta de capital fixo, que mostra o nível de investimentos, cresceu 2,8% ante o segundo trimestre, também apresentou ritmo mais lento em relação ao trimestre anterior. Na avaliação do professor da Unisinos, o avanço na formação bruta de capital fixo ocorre na esteira da construção civil, principalmente no âmbito das famílias.

– Pode ser um efeito que está vindo da construção civil. Não um aumento de capacidade instalada nas empresas – acredita Marcos Léris.

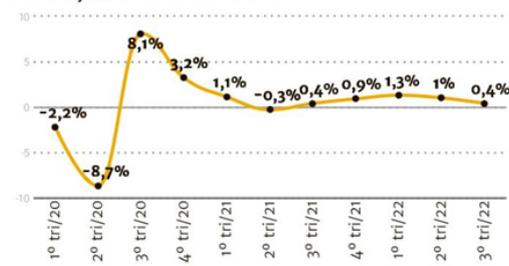
Balanco

O indicador é soma dos bens e serviços produzidos no país

COMPARAÇÕES



A VARIAÇÃO ENTRE OS TRIMESTRES



POR SETORES NO TERCEIRO TRIMESTRE (EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE ANTERIOR)

Com peso de 70% na economia, segmento de serviços segue com maior impacto no indicador



Fonte: IBGE

Crescimento deve seguir lento

A desaceleração do PIB no terceiro trimestre é um esboço do ritmo da economia para os próximos meses. Inflação e juros ainda em patamares elevados, endividamento das famílias, ambiente fiscal incerto e pé no freio nas economias ao redor do mundo são alguns dos fatores que explicam essa estimativa de desaceleração.

O professor Marcos Léris afirma que a economia do país deverá seguir em ritmo lento nos próximos meses. Destaca que, após um salto diante da base fraca da pandemia, a tendência é de acomodação, retornando para patamares normais:

– Tem o setor de serviços que não vai ajudar tanto, porque não vai mais crescer sobre uma base fraca. Tem a questão das famílias,

com endividamento e rendimento real baixo e a inflação, que deve seguir relativamente alta no ano que vem. Ainda tem previsão de taxa de juros em dois dígitos.

O professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS Maurício Weiss cita que o aquecimento da economia vai depender, entre outros fatores, da redação final da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Transição:

– Se conseguir passar com uma maior folga, perto dos R\$ 200 bilhões, tenho uma expectativa mais positiva para o ano que vem. Porque sobra mais espaço fiscal para o governo elevar os seus investimentos e ampliar algumas linhas que beneficiam o setor imobiliário, que gera muita mão de obra.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Brasil **Página:** 12